

ANSEIOS E DESEJOS: MULHER MADURA, MEMÓRIA E MODA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

Longings and desires: mature woman, memory and fashion as a social construction

Dra. Claudia Schemes
Universidade Feevale
claudias@feevale.br

Paulo Henrique Saul Duarte
Universidade Feevale
sd_p2@hotmail.com

Dra. Magna Lima Magalhães
Universidade Feevale
magna@feevale.br

RESUMO

Este artigo tem como foco de discussão as mulheres com mais de 65 anos e sua relação com a moda. O estudo pretende elaborar algumas reflexões sobre as mudanças que ocorrem na maneira de vestir e no estilo destas mulheres a partir de suas lembranças. Para tanto, lançamos mão da técnica de entrevista em profundidade para discutir acerca de questões que abordam o envelhecimento e, em especial, as transformações no vestir.

Palavras-chave: mulher; envelhecimento; moda; memória

ABSTRACT

This article has a specific focus on women over 65 years and his relationship with fashion. The study intends to reflect on the changes that occur in dress and style of these women from their memories. Therefore, we used the in-depth interview technique to discuss the issues that address aging and in particular the changes in dress.

Key words: woman; aging; fashion; memory

Introdução

A moda é uma área de estudo pouco explorada no âmbito científico, porém não carece de temas a serem desenvolvidos e estudados, como design, produção, estilismo, varejo, setor industrial, que são extremamente impactantes na sociedade e no mercado. A moda possibilita a reunião e a troca de experiências e é um instrumento importante para o acionamento da memória dos indivíduos.

De acordo com Barnard, moda e indumentária, “são culturais no sentido de que são algumas das maneiras pelas quais um grupo constrói e comunica sua

identidade” (2003, p. 76). Crane (2006), por sua vez, informa que o vestuário é fundamental para a construção social da identidade. Historicamente, as roupas foram o principal meio pelo qual as pessoas se identificavam na sociedade e, mesmo tendo os contrastes reduzidos ao longo dos séculos – até o século XVIII a distinção de classes era expressa visualmente de forma bastante ostensiva, as pessoas continuam se identificando através de suas vestes. Segundo a autora, a escolha do vestuário oferece “um excelente campo para estudar como as pessoas interpretam determinada forma de cultura para o seu próprio uso, forma essa que inclui normas rigorosas sobre a aparência que se considera apropriada num determinado período (o que é conhecido como moda)” (CRANE, 2006, p. 21).

A maneira de vestir pode ser considerada como uma forma de expressão dos sujeitos e como identificação da cultura e de traços da identidade do indivíduo. “Na moda, e por ela, os sujeitos mostram-se, mostrando os seus jeitos de ser e estar no mundo, o que os posiciona neles” (OLIVEIRA, 2004, p. 10).

Tendo como perspectiva a relação profícua entre moda, elaboração cultural e identidade, o presente estudo propõe pensar acerca das relações estabelecidas entre a mulher madura, com mais de 65 anos e a moda. Por esta perspectiva, acionamos um tema que cada vez mais passa a ser discutido em diferentes esferas da sociedade, o envelhecimento.

Lopes et al, em um artigo intitulado Envelhecimento e Velhice: pistas e reflexões para o campo da moda realizam o seguinte questionamento: “Como o campo da moda, cuja dinâmica básica de funcionamento gira em torno do conceito de juventude, pode contribuir para a tarefa de pensar e propor espaços e imagens que correspondam às diferentes possibilidades de envelhecer?” (2012, p. 52).

A partir desta provocação, pretendemos discutir ou possibilitar reflexões sobre o envelhecimento e suas diferentes faces e relações como forma de colaborar com o debate. No que tange a este estudo propomos pensar a relação entre moda e envelhecimento a partir de algumas questões, sendo elas: Em que momento a mulher madura percebe a necessidade de alterar o seu modo de vestir? Qual relação pode ser estabelecida entre alterações no modo de vestir e uma padronização da roupa como um demarcador de envelhecimento?

Utilizamos a técnica da entrevista em profundidade já que esta é uma técnica qualitativa que explora determinado assunto a partir da busca de informações, percepções, memórias e experiências das pessoas entrevistadas.

Para o propósito deste estudo selecionamos duas entrevistas, sendo assim, é importante ressaltar que trabalhamos com “fragmentos” que servem para instigar a discussão de um tema ainda pouco explorado que é a moda e a sua relação com o envelhecimento. Desta forma, as reflexões apresentadas neste trabalho são um exercício de problematizar e trazer à tona questões atuais e que ainda carecem de subsídios para o debate.

Uma conversa sobre estilo, moda e maturidade

Foram entrevistadas duas mulheres: Ana, de 66 anos e Beatriz, de 70 anos (nomes fictícios) residem em São Leopoldo/RS.

A interlocução com as entrevistadas iniciou com a seguinte pergunta: Como você definiria seu estilo? Beatriz disse que seu estilo é "prático", que ela explica que vem da combinação de calças e bermudas e algumas blusas, comentando o fato de ter somente dois vestidos. Contraditoriamente, Ana hesitou bastante para responder à pergunta, dizendo que não sabia explicar direito, mas concluiu que possui um “estilo próprio”, pois nunca prestou muita atenção do que está na moda e o que ela veste é criação de sua cabeça dela.

O que chamou atenção nesta primeira questão foi que ambas estavam vestindo roupas muito similares, mesmo uma dizendo que não ligava para o que estava na moda e a outra assumindo sua praticidade, o que reforça a ideia de que as roupas significam coisas diferentes para diferentes pessoas e que todos recebem uma grande quantidade de informação por dia e o conjunto de tudo isso é que vai, mesmo inconscientemente, influenciar suas decisões na maneira de vestir.

Para Barnard as "palavras e imagens terão associações, ou conotações, diferentes para pessoas diferentes" (2003, p. 128). Para o autor, toda roupa é uma representação e tem um significado que pode estar relacionado a uma emoção, uma ideia ou uma pessoa. Assim, o que uma mulher absorve e entende de uma composição de roupas pode ser completamente diferente da outra devido ao simples fato de não serem a mesma pessoa.

Quando perguntadas sobre os critérios utilizados na escolha de uma roupa, Beatriz afirma que o que a faz escolher uma peça ou uma composição é “evitar parecer ridícula”, e exemplifica com bom humor: "eu já sou grande, então não vou usar uma manga morcego! Senão levanto os braços e saio voando!".

A partir destas afirmações podemos concluir que nem todas as mulheres maduras estão preocupadas com o que dita a moda, mesmo havendo um cuidado de Beatriz com o “não parecer ridícula”, que está muito mais relacionado com o preconceito de idade do que com a aparência do vestuário. Goldenberg, em pesquisa realizada sobre corpo, envelhecimento e felicidade com mulheres brasileiras, informa que elas estão muito preocupadas em não parecerem “ridículas” através de comportamentos e roupas de jovens, para a autora, “em uma cultura em que o corpo é um capital, o processo de envelhecimento pode ser vivido como um momento de grandes perdas, especialmente de capital físico” (2008, p. 31).

Segundo Hall (2000), somos a somatória de inúmeras mudanças e experimentações, assim, podemos dizer que o senso de estilo é o que engloba todas as preferências e as noções que esta pessoa tem sobre seu corpo e as leva em consideração na hora de fazer escolhas de moda. O que cada uma das entrevistadas leva mais em consideração na hora de escolher o que vestir mostra como lidam com as roupas e como estas refletem seus valores pessoais.

Quando questionadas se achavam que seu estilo de vestir havia mudado com a chegada da maturidade, ambas disseram que não, mas Ana tem dúvidas em relação a se vestir adequadamente para sua idade e Beatriz comentou que depois de completar 50 anos foi se tornando mais "na dela".

Quando foram questionadas sobre qual teria sido o *look* inesquecível da vida delas, ambas lembraram vestidos de festa que usaram em ocasiões importantes. Beatriz conta que alugou um vestido para um casamento, de uma cor entre o azul e o verde escuro, de alcinha e de cetim liso e brilhoso. O diferencial era uma peça, feita com um tecido fluido e com transparência, que ficava sobre os ombros e presa com um broche. Ela lembra que se sentiu incrível e “chiquérrima”.

Estas também foram as palavras de Ana descrevendo seu vestido verde água, cujo tecido foi comprado depois de meses de economia e foi confeccionado só para seu deleite, já que não havia nenhuma ocasião especial para usá-lo. Ana diz que quis confeccioná-lo “mesmo que fosse só para se olhar no espelho em casa!”

A memória, segundo Le Goff (1984), é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade e cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos, o que percebemos nas lembranças de Ana quando menciona um vestido do passado.

"Olha, eu acho que foi nos meus 15 anos. Meu pai determinava regras rígidas para a costureira – que era sobrinha dele -, como o comprimento do vestido, mas ela ficou com pena de mim, pois achou que o vestido estava longo demais e fez uma faixa pra gente poder subir o comprimento! Era um vestido muito bonito. Eu nunca esqueci. E o meu pai nunca ficou sabendo!". A costureira, segundo a entrevistada, sentia pena dela e das mulheres da sua família, já que foram para escola somente para aprender a assinar seus próprios nomes.

As palavras veiculadas a uma memória nos remete a Motta (2012) ao afirmar que os avanços do feminismo, já desde a década de 1970, transformam o modo com que as mulheres velhas se veem e como são vistas. Segundo a autora, a maioria destas mulheres se sente muito mais livre e satisfeita hoje do que quando eram jovens e não podiam fazer nada do que desejavam.

Este é um sentimento muito comum entre as “novas velhas” da sociedade atual, pois aquelas que não tinham um pai severo, provavelmente se depararam com barreiras ao casar ou ainda de algum outro membro da família que tolhia sua liberdade. Porém, agora, libertas desses vínculos, elas percebem as novas oportunidades e as possibilidades de outro cenário, o que se evidencia no final das entrevistas, quando perguntadas sobre as perspectivas de suas vidas.

Um fato que chamou a nossa atenção é que ambas assinalam o orgulho e a relação que mantém com suas netas e demonstram uma grande preocupação para que as coisas sejam diferentes com elas. Segundo elas, o mais importante é que as netas não se sintam presas ou limitadas em relação ao seu estilo de vestir. Para isso, trocam experiências e até mesmo roupas. Ana menciona que sua neta, que tem vinte anos, já usou várias de suas peças de roupa em ocasiões especiais como "um casaquinho de renda muito bonito que é um dos que ela mais gosta". Da mesma forma, Beatriz se preocupa em apoiar as netas na busca pela liberdade e individualidade no vestir.

Por terem vivido o que viveram, as avós se colocam na posição das netas e imaginam como seriam suas vidas se tivessem tido as mesmas oportunidades que as netas têm. Por outro lado, observamos que as gerações mais jovens desenvolvem um olhar de admiração, inspiração, referência e reconhecimento pelos seus avós.

Considerações Finais

A partir desses depoimentos observamos que, assim como a memória, as roupas têm o poder de carregar histórias e podem transmitir sentimentos. As peças contêm lembranças, expressões e resquícios das pessoas que as usam. O sentimento de realização e alegria na rememoração de determinada vestimenta demonstra o quanto uma peça de vestuário é capaz de trazer à tona histórias de vida com suas alegrias, tristezas, enfim, acionar as sensibilidades inerentes ao ser humano.

O modo como estas mulheres se sentem em relação ao seu envelhecimento e como processam isso através da indumentária, difere muito de pessoa para pessoa. Pode se identificar mulheres maduras que sofrem com o envelhecimento, já, outras, atravessam a barreira dos sessenta anos e sentem-se livres de uma bagagem pesada de obrigações e cobranças que as vinham acompanhando em diferentes momentos de sua vida.

Percebemos que as mudanças que acompanham o envelhecimento estão muito relacionadas com a maneira com que estas mulheres se vestem. As mulheres que tem seu estilo alterado drasticamente, não são necessariamente vítimas das opressões e expectativas da sociedade para a mulher velha, mas sim usam dessa força imposta sobre elas para se libertarem dos muitos ideais e paradigmas que elas mesmas não sentiam mais ou que nunca chegaram a fazer parte da sua personalidade.

Observamos que as vestimentas constituem indicadores sutis de como o passado é representado no presente em relação à personalidade e a memória de um indivíduo, ou seja, relaciona temporalidades. No caso das mulheres, a memória implica na maneira com que estas vivem hoje e repassa uma imagem para as gerações seguintes e o estilo pode ser entendido como um depósito de significados decorrentes da identidade pessoal muitas vezes fragmentada, construída e reconstruída incessantemente.

Ao pensarmos sobre a relação entre moda e a mulher madura, intencionamos neste estudo trazer à tona a percepção, mesmo que limitada, dos próprios atores sociais, ou seja, Beatriz e Ana que mesmo com diferenças sociais e econômicas, fazem parte de uma mesma geração, suas experiências e trajetórias não foram as mesmas e possuem singularidades próprias, no entanto, ao envelhecer, ao se tornarem mulheres maduras, seus corpos são vistos sem

distinção, são corpos velhos e por isso, a eles nem tudo é permitido. Em uma sociedade que ainda privilegia a juventude e marginaliza seus velhos, Beatriz e Ana estão se saindo muito bem.

REFERÊNCIAS

- BARNARD, M. **Moda e comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2003.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CRANE, D. **A moda e seu papel social**: classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Senac, 2006.
- GOLDENBERG, M. **Coroas**: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- LE GOFF, J. Memória. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. **Memória-História**. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. v. 1.
- LOPES, A.; BERNARDO, C.M.; SILVA, L.H.; MELO, P.; YOKOMIZO, P.; YOSHIOKA, T. Envelhecimento e velhice: pistas e reflexões para o campo da moda. In: MESQUITA, C.; CASTILHO, K. (Orgs.). **Corpo, moda e ética**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.
- MOTTA, A. B. Mulheres velhas: elas começam a aparecer... In: PINSKY, C. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.
- MORAES, A. O corpo no tempo: velhos e envelhecimento. In: AMANTINO, M.; DEL PRIORE, M. **História do corpo no Brasil**. São Paulo: EdUNESP, 2011.
- OLIVEIRA, A. C. Entre as plásticas da moda e o corpo: o sujeito. In: CASTILHO, K. **Moda e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.